

ESTERIÓTIPOS DE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES EM LIVROS DE LITERATURA INFANTIL: (DES) CONSTRUINDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO

THATIANE SANTOS RUAS

Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibirité – MG. Mestra em Educação Tecnológica, pelo CEFET-MG, Doutoranda em Educação, pela PUC-MG, thatiane.ruas@uemg.br, orientadora da pesquisa.

FABIANA ANDREATA RAYMUNDO

Professora da Educação Básica da rede pública do município de Betim. Pedagoga pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibirité - MG, fandreatar@gmail.com.

RESUMO

O presente estudo é fruto de um trabalho monográfico realizado no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibirité. O objetivo deste texto é trazer alguns apontamentos e reflexões sobre possibilidades de (des) construções de estereótipos de feminilidades e masculinidades veiculados em livros de literatura infantil. Nesse sentido, foram selecionados de três livros de literatura infantil Anton e as Meninas de Ole Könnecke (2013), Meninos de Verdade de Manuela Olten 2013 e Ser Menina de Ângela Leite de Souza (1998). A abordagem metodológica foi a pesquisa qualitativa e contou com os procedimentos das pesquisas bibliográfica e documental. As discussões teóricas em consonância com as análises das obras possibilitaram indicar que as relações de gênero são constituídas desde a infância a partir da vivência de diversos artefatos culturais que permeiam o cotidiano das crianças, como brinquedos, brincadeiras, livros, entre outros. Esse contexto está imbricado em construções históricas, sociais e culturais que identificam corpos e estabelece relações de poder detonadoras de desigualdades de gênero, entre outras. Conclui-se que os livros apresentam formas de abordagens distintas no tocante aos processos de desconstruções de estereótipos de feminilidades e masculinidades, dois de forma mais tímida e um de modo explícito e intencional. Considera-se a temática de suma importância para a formação docente e para as práticas educativas escolares, sobretudo. Além disso, defende-se um maior alargamento de proposições de pesquisas acadêmicas que envolvam os temas foco desta investigação.

Palavras-chave: Relações de gênero, Literatura Infantil, Masculinidades, Feminilidades.

INTRODUÇÃO

O presente texto é parte de uma pesquisa monográfica desenvolvida no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibitaré, defendida no ano de 2019 e tem como temática central a discussão da tríade: relações de gênero, educação infantil e livros de literatura infantil.

Nesse contexto, vale destacar que o processo educativo está além das instâncias escolares ou familiares e engloba diferentes linguagens através das quais os sujeitos são transformados e aprendem a ser e a se reconhecer como homens e mulheres. Educar, sobretudo crianças pequenas, em ambiente escolar engloba metodologias e processos de aprendizagem que incluem os meios de comunicação de massa, os brinquedos, a literatura, o cinema e a música, entre outros. Vale destacar que esses artifícios culturais trazem em seu interior influências de gênero as quais permitirão que os indivíduos que os utilizam aprendam a se reconhecerem como homens ou mulheres, no âmbito das sociedades e dos grupos a que pertencem. O livro, assim, se materializa no campo da educação como uma ferramenta que possui atribuições culturais que poderão vir a promover o desenvolvimento de aprendizagens no universo infantil legitimando comportamentos, formas de se comunicar, pensar, agir, cooperar intersubjetivamente, alterando hábitos, laços de amizade e modos de conviver, transformando inclusive as formas como se efetivam as aprendizagens e as relações humanas.

O uso contínuo dos livros de literatura infantil pode possibilitar às crianças reconhecerem-se como sujeitos sociais propiciando o desenvolvimento do seu potencial criativo e ampliando seus conhecimentos socioculturais. Como um componente cultural, o livro de literatura infantil apresenta características sensíveis em relação a práticas de significação, de identidades sociais e de gênero.

Entende-se que as relações de gênero estão intimamente ligadas aos processos de construções sociais e culturais que fazem parte do trabalho escolar havendo, portanto, uma articulação intrínseca entre gênero e educação. Para Argüello (2005, p.68), “cabe a nós educadores perguntar o que temos ensinado às crianças e de que forma temos feito isso, especialmente no que diz respeito à temática de gênero”. Enquanto categoria social, o termo gênero não é sinônimo do termo sexo e não é estático, pois assume sentidos distintos e tem se modificado ao longo da história, ao mesmo tempo em

que tem provocado mudanças de identidades e de comportamentos dos sujeitos sociais. Ser homem, ser mulher, ser menino ou ser menina são representações dos campos simbólico e das práticas sociais que a nossa cultura confere à corpos historicamente e geograficamente situados.

Louro (1997, p.28) aponta que “masculinidades e feminilidades apresentam-se como um conjunto de atribuições socialmente construídas que podem mudar com o passar do tempo e sofrer variações culturais” as quais perpassam por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas nos quais os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos. Louro (1995, p.102) destaca ainda que “apenas muito recentemente, em nosso meio, os estudos de gênero (ou de relações de gênero) passaram a ocupar algum espaço nas discussões acadêmicas”. A representação desses papéis sociais define o que a cultura convencionou como sendo normas padronizadas de agir em sociedade. Para Louro (1997, p.28), a “representação exerce um efeito disciplinador que estabelece limites e restrições”.

Relacionar-se socialmente, foi a forma encontrada por esses(as) atores e atrizes de se arranjar e se desarranjar, numa tentativa de buscar seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo. Tradicionalmente, a representação de papéis sociais em nossa sociedade culmina em um sistema de convenções cujas práticas nomeiam como feminino tudo o que está associado ao universo emocional, à sensibilidade, afeto, doçura, cuidado, delicadeza. Enquanto o masculino remete a valores como coragem, bravura, destreza, força e razão, elementos esses indispensáveis para que os homens possam atuar na esfera pública.

Questionar a naturalização dessas diferenças é uma forma de perceber que procedimentos de desconstrução desses estereótipos se faz necessário em nossa sociedade. É preciso reconhecer e problematizar como se dão as representações de gênero presentes no espaço escolar, buscando descobrir quais são as estratégias utilizadas nos processos educativos que envolvem procedimentos de (des) naturalização dos papéis sociais.

Nesse sentido, todas as ações docentes realizadas no espaço escolar, devem ter uma intencionalidade educativa na qual as crianças deverão aprender valores de igualdade e respeito, cabendo as/aos educadoras/es criar oportunidades para que elas ajam e brinquem naturalmente com as inúmeras possibilidades de representação dos papéis sociais existentes relacionando-os com suas formas de ser e de estar no mundo.

É por meio do manuseio de livros de literatura infantil, da contação de histórias e do reconto que as crianças poderão vir a ser estimuladas a

interagir com os textos reconhecendo a si mesmas neles enquanto sujeitos sociais percebendo o mundo e a realidade que as cercam. O motivo da escolha do tema da pesquisa é marcado e influenciado pelas vivências pessoais enquanto sujeitos sociais inseridos no universo da educação. A opção pelo tema relações de gênero na educação infantil baseou-se em aprendizados acadêmicos e nas práticas de estágio, os quais contribuíram para instigar a construção de um imaginário acerca das práticas educacionais que envolvem relações de gênero, educação infantil e livros de literatura infantil.

A escola enquanto construção social “delimita espaços, servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui” (Louro, 1997, p.58) comportamentos e gestos perpetuando práticas culturalmente naturalizadas em que as crianças são classificadas como meninos e, ou meninas. Falar de papéis sociais ou de espaços, social e culturalmente, demarcados entre masculinos e femininos, é abrir possibilidades de discussões sobre práticas sociais permeadas de desigualdades a partir de relações de poder em que o homem tem poder sobre a mulher ou pode mais que esta. Tais assimetrias estão em diversos lugares como na divisão sexual do trabalho, em que algumas profissões socialmente mais valorizadas são consideradas para homens enquanto outras, com menos ou nenhum prestígio social, são para mulheres; há também a naturalização da ideia de que o trabalho doméstico é de responsabilidade das mulheres, o que gera sobrecarga para as mulheres e lazer para os homens, entre outras implicações; outro aspecto relativo à divisão sexual do trabalho é o fato de as mulheres recebem remuneração inferior ao homem, mesmo executando a mesma função. Enfim, são diversos os fatores que impõe desigualdades nas relações sociais de gênero, aqui foram levantados alguns relativos à divisão sexual do trabalho, mas existem muitos outros próprios do sistema cisheteropatriarcal e racista em que vivemos, imprimindo a força da opressão e exploração sobre as mulheres, considerando aqui mulheres plurais, em suas múltiplas facetas e identidades que também, interseccionadas, são geradoras de preconceitos e discriminações.

A inclusão sobre as questões de gênero em ambiente escolar se deu de forma clara e objetiva nas políticas educacionais e curriculares para a Educação Infantil quando foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil em 1998. Percebe-se que, documentos que normatizam as práticas educacionais que tratam de relações de gênero podem vir a ser importantes exercícios de se desconstruir socialmente os estereótipos de masculinidades e feminilidades provenientes dessas relações de poder

desiguais e opressoras para alguns grupos. Estudar gênero na educação infantil é um campo de pesquisa que deve ser explorado dentro da escola para que se possa observar como se dá e como são (des)construídas as relações de gênero na infância.

Neste contexto o problema investigado foi: como livros de literatura infantil podem contribuir para a (des)construção de estereótipos de masculinidades e feminilidades? E assim, refletir sobre quais são as contribuições da literatura infantil para as discussões das relações de gênero na escola e sobre a necessidade de uma educação diversa, plural e questionadora desde a primeira infância.

Trata-se de um estudo relevante, sobretudo porque entende-se que os livros de literatura podem vir a se tornar instrumentos pedagógicos que contribuam com processos de (des)construção dos estereótipos de masculinidades e feminilidades, uma vez que, as obras literárias vão representar a cultura e práticas sociais as quais estão imbuídas de relações de poder em que grupos sociais antagônicos vivenciam situações de desigualdades.

O objetivo geral da pesquisa foi de investigar, a partir de três livros de literatura infantil, como estes podem contribuir para a (des)construção de estereótipos de masculinidades e feminilidades. Nessa perspectiva, para este artigo serão trazidas algumas reflexões e apontamentos sobre as análises dos livros investigados. Para tanto, a metodologia adotada foi do tipo qualitativa e os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

A seleção dos livros de literatura infantil foi feita considerando títulos que pudessem contribuir para a (des)construção de estereótipos de masculinidades e feminilidades. Nesse sentido, foram selecionados de três livros de literatura infantil **Anton e as Meninas** de Ole Könnecke (2013), **Meninos de Verdade** de Manuela Olten (2013) e **Ser Menina** de Ângela Leite de Souza (1998). No intuito de conhecer melhor as relações entre masculinidades e feminilidades materializadas nos livros de literatura infantil, essas obras foram analisadas, problematizadas e discutidas teoricamente a luz de conceitos de masculinidades e feminilidades no qual buscou-se verificar quais seriam suas contribuições para a quebra de estereótipos comportamentais no intuito de questionar a (des)naturalização das diferenças ocorridas, sobretudo nas relações de gênero na Educação Infantil.

As análises dos livros selecionados apontaram para possibilidades de (des) construções de masculinidades e feminilidades no sentido manutenção e transgressão de normas e padrões estabelecidos a partir das manifestações

das relações sociais de gênero, todavia, notou-se um elemento basilar na condução das implicações das obras, qual seja, o fator intencionalidade de quem disponibiliza, propõe e ou trabalha os livros com as crianças, isso faz toda a diferença para desconstrução de assimetrias entre homens e mulheres e a construção de sociedade que desenvolva ações em prol da equidade de gênero desde a infância.

METODOLOGIA

O presente estudo tem como abordagem a pesquisa qualitativa, tendo em vista que a mesma apresenta características que correspondem às necessidades que envolvem pequenas amostras, as quais não necessitam ser representativas de grandes populações. Para Triviños (1987, p.133) o/a pesquisador/a, que utiliza a abordagem qualitativa, “poderá contar com uma liberdade teórico-metodológica para desenvolver seus trabalhos [...] os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico [...]”.

Os procedimentos de pesquisa utilizados foram a pesquisa bibliográfica e documental. Gil (2010, p.4) destaca que, “a elaboração de um projeto documental depende de inúmeros fatores: o primeiro e mais importante deles refere-se à natureza do problema”. Para Gil (2008, p.73) a pesquisa documental, segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica, apenas “propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos”.

Deste modo a pesquisa documental e bibliográfica é utilizada na perspectiva de que o investigador “mergulhe” no campo de estudo procurando captar o fenômeno a partir das perspectivas contidas nos documentos, contribuindo com a área na qual ele se insere, seja na área da educação, saúde, ciências exatas e biológicas, entre outras.

Nesta perspectiva, dentre as diversas maneiras de lidar com a informação, a escolha da Análise de Conteúdo, doravante chamada de AC, se deu pela necessidade de conhecer “aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. (BARDAN, 1977 p.44).

Assim, a AC é uma técnica de levantamento de dados, realizada posteriormente à coleta, e suas etapas são: categorização, descrição e interpretação. Sendo capaz de realizar uma profunda análise da mensagem contida em textos e documentos que podem usar a comunicação verbal ou não.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os livros de literatura infantil para crianças pequenas apoiam-se em imagens para que possam tornarem-se mais interessantes e interativos. As imagens atraem a atenção das crianças fazendo-as se aproximar do texto literário. Segundo Coelho (2000, p.161), “livros que contam histórias através da linguagem visual, sem o suporte de textos narrativos ou com o apoio de pequenas falas escritas, são chamados de livros de imagens”.

Abramovich (1991) complementa ao salientar que:

Há prazer de folhear um livro, colorido ou branco e preto [...] livros feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade, são, sobretudo, experiências de olhar, de um olhar múltiplo, pois se vê com o olhar do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e os personagens de modo diferente, conforme percebem o mundo. Saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo, a visão. (ABRAMOVICH, 1991, p. 33).

Esses modelos de livros de imagens com pouca ou sem palavras nenhuma proporcionam muitas estratégias pedagógicas que possibilitam às crianças o reconhecimento de si mesmas, dos seres, das coisas e dos acontecimentos de seu cotidiano, relacionando as histórias contidas nos livros de literatura infantil com a estrutura cultural da qual fazem parte e, dessa forma, apropriando-se de estereótipos culturais. Nesse contexto, Costa & Santos (2016) nos lembra que “descrever, interpretar e explicar relações de gênero em plataformas literárias é importante, pois assim é possível problematizar papéis públicos destinados a homens e mulheres.”

Nessa direção, Scott (1995) afirma que as ideias conscientes de masculino e feminino não são fixas, já que variam de acordo com o contexto que estão inseridas e seus usos. Para Scott, tal fato traz implicações diversas, como, por exemplo, a de que o sujeito encontra-se num constante processo construtivo e “oferece um meio sistemático de interpretar o desejo consciente e inconsciente, referindo-se à linguagem como um lugar adequado para a análise” (SCOTT, 1995 p.88)

Desse modo, por meio dos livros analisados, considerando as categorias de masculinidades e de feminilidades, buscou-se identificar atributos comportamentais e culturais sob o ponto de vistas de alguns elementos, a saber: atitudes/conduas, linguagem, vestimentas e brinquedos que pudessem

proporcionar uma leitura semiótica do corpus de pesquisa. A seguir, serão realizados alguns descritores e reflexões, a partir de interpretações textual e imagética das obras literárias investigadas.

Anton e as meninas – ole Könnecke

Escrito e ilustrado por Ole Könnecke, Anton e as meninas foi publicado pela primeira vez no Brasil em 2013, pela editora WMF Martins Fontes, com tradução de Monica Stahel, e além do PNBE 2014 fez também, parte do kit escolar da educação infantil no ano de 2017, distribuído pela Prefeitura Municipal de Belo horizonte.

Por se tratar de um livro para crianças pequenas, o livro contém frases curtas, e é de fácil leitura. A interpretação das representações do masculino e do feminino, fica a cargo de seus elementos imagéticos. Nessa direção, Pires (2009 p.22) afirma “que tanto as imagens quanto os textos verbais contidos nos livros literários, produzem marcas, ensinam a ser homem e mulher e são constituintes das relações de gênero”.

O livro narra a chegada de Anton à pracinha, onde duas meninas já brincam numa caixa de areia, enquanto uma delas está de blusa de manga, calça comprida e tem cabelos curtos presos apenas por um grampo a outra está vestindo um vestido e seus cabelos estão amarrados. Neste contexto, trajado de calça, camisa e chapéu, Anton chega à praça com seus brinquedos tipicamente masculinos (um balde, uma pá e um carro).

Torna-se válido destacar que o autor recorre à várias metáforas para fazer alusão às representações de masculinidades e feminilidades presentes na obra. Neste sentido, a caixa de areia sugere a representação da fragilidade, da vulnerabilidade e da desproteção e os brinquedos de Anton trazem elementos que incutem força, robustez e vigor.

Com o defluir da história, Anton tenta por diversas chamar a atenção das meninas que brincam na caixa de areia, através de várias habilidades, como pular alto ou deslizar de barriga para baixo no escorregador. No entanto, nenhuma destas atitudes é capaz de deslocar a atenção das meninas para Anton.

Anton, por sua vez, fica chateado e resolve construir uma casa. A maior casa do mundo. Aqui, pode-se observar a negativa do sentimento de frustração, através da construção da casa e a figura masculina é reforçada como construtora e provedora. Neste momento a casa construída por Anton cai, e ele chora. É quando então, as meninas olham e Anton oferecem um biscoito

e Anton é convidado a brincar na caixa de areia com as meninas. Percebe-se outra metáfora relacionada à figura feminina que a da nutrição tanto alimentar quanto afetiva, a preocupação e o cuidado. No fim da história, chega Lucas com seus brinquedos, maiores que os de Anton reforçando a competitividade masculina. A categorização do texto encontra-se no quadro que segue.

Na análise textual e imagética da obra “Anton e as meninas” sob o ponto de vista das masculinidades, encontraram-se os seguintes atributos comportamentais: força, coragem, competição e o atributo cultural ficou a cargo dos modos de brincar.

Já quanto aos atributos de feminilidades, foram identificados atributos comportamentais, como fragilidade e cuidado. A fragilidade de Anton é revelada quando ele chora e a culminância para tal fato, a frustração ante a queda da casa construída na tentativa de impressionar as meninas que brincavam na caixa de areia.

Nessa direção, Pires (2009 p.168) esclarece que:

[...] o masculino e o feminino são representados na maior parte das imagens de uma única forma, mostrando, de maneira geral, o homem como energético, forte, racional, ousado, atrevido e a mulher como passiva, frágil, sentimental, doméstica e comportada (PIRES, 2009, p.168).

Assim, os atributos conferidos à masculinidade encontrados na obra supracitada sugerem o reforço de estereótipos sociais e culturais de masculinidade hegemônica e reproduzem o ideário de um jeito de ser menino na sociedade.

Na contracapa da obra “Anton e as meninas” encontram-se os seguintes dizeres do autor: “Homens e mulheres são bem diferentes. Meninos e meninas também. Anton quer impressionar as meninas. Só que elas não dão bola, porque não gostam de gente exibida. Mas quando Anton mostra sua fragilidade elas o tratam com carinho” (KÖNNECKE, 2013).

Pensando os atributos de feminilidades encontrados verifica-se que, quanto à possibilidade de desconstrução dos representacionais de gênero, infere-se a ruptura de masculinidades, quando Anton demonstra fragilidade ao chorar. Em contraponto, num movimento inverso à (des)construção, “as meninas” ao voltarem seus olhares e demonstrarem preocupação e cuidado com Anton, reafirmam a construção da responsabilidade afetiva da mulher, pois neste momento elas se mostram solícitas e preocupadas. Xavier

(2011, p.594) aponta que “é interessante observar como essas adjetivações compõem as representações de gênero que demarcam a feminilidade hegemônica”.

Este paradoxo contraponto de (des)construção também é sugerido pelo atributo competição, pois com a chegada Lucas à praça com brinquedos maiores que os de Anton, é possível interpretar, pela expressão de Anton, sua preocupação mesmo as meninas permanecendo alheias à presença de Lucas.

Seguem trechos do livro Anton e a Meninas, com destaques das autoras da pesquisa:

Lá vem Anton
Anton está feliz da vida
Anton tem um baldinho.
Anton tem uma pá.
Anton tem um carro grandão - **[MODOS DE BRINCAR]**
Mas as meninas não olham.
Anton sabe pular alto.
Anton é forte. - **[FORÇA]**
Anton desliza de frente pelo escorregador, e de barriga para baixo.
E de olhos fechados - **[CORAGEM]**
Mesmo assim as meninas não olham.
Anton fica chateado.
Anton vai construir uma coisa.
Anton constrói uma casa.
Anton constrói a maior casa do mundo
casa cai. - **[FRUSTRAÇÃO]** Anton chora. - **[FRAGILIDADE]** Então as meninas olham.
Anton ganha um biscoito. - **[CUIDADO]** As meninas convidam Anton para brincar Anton se diverte.
La vem o Lucas. - **[COMPETIÇÃO]**

(KÖNNECKE, 2013)

Deste modo, para a obra “Anton e as meninas” a análise sugere que as possibilidades de (des)construção dos estereótipos sociais de gênero se apresentam, ora marcadas por sutilezas ora de uma forma mais explícita.

Meninos de verdade – Manoela Olten

O livro “Meninos de verdade” foi o primeiro livro infantil de Manuela Olten que é escritora, fotógrafa e ilustradora. A primeira edição do livro foi publicada em 2013 contendo 28 páginas e distribuído pela editora Saber e

Ler. O Livro Meninos de Verdade ganhou o Prêmio Oldenburg de Literatura Infanto-juvenil de 2004 trazendo uma história representa o padrão sexista acerca de gênero.

A história tem início com a conversa de dois meninos que trocam experiências do que eles pensam ser a vida das meninas “as meninas são tão sem graça. Passam o dia penteando bonecas”. Os personagens deitados numa cama de pijama vão conversando e fazendo piadas sobre as coisas que as meninas têm medo, “meninas dormem com bichinhos de pelúcia. Senão entram em pânico!”. A história retrata os medos infantis os quais meninas e meninos são subordinados. Medo de fantasmas, de dormir sozinho, de ir ao banheiro no escuro.

No final da história os dois personagens aparecem abraçados a bichinhos de pelúcia e dormindo na cama da menina com medo do escuro. Por se tratar de um livro para crianças, o livro contém frases curtas, é de fácil leitura e possui imagem coloridas.

Já na análise textual e imagética da obra “Meninos de verdade” sob o ponto de vista das masculinidades, encontraram-se os seguintes atributos comportamentais: Agitação e Coragem. Para os atributos culturais, mereceram destaque os modos de vestir e de brincar. Nos atributos destacados na categoria feminilidades os comportamentais foram, tranquilidade e medo, e os culturais permaneceram modos de vestir e de brincar.

Diferentemente da primeira obra analisada, que se passa de dia e numa praça pública, “Meninos de Verdade” tem a noite como “pano de fundo” e seu contexto é o imaginário de dois meninos que conversam ao deitar. Nesta obra, inicialmente, as ditas masculinidades estão marcadas pelas atitudes dos meninos e as feminilidades estão delineadas pelos seus imaginários.

O livro começa com a afirmação: “Meninas são tão sem graça!” e a partir desta, são tecidos comentários que se aproximam do ideário, social e culturalmente construído de feminilidades. Enquanto as imagens retratam os meninos desvoltos e descontraídos, a menina é tratada como frágil e medrosa, fato que inicialmente sugere afirmação do antagonismo menino/menina.

Neste sentido, a obra tende a denotar relações de significados binários. De acordo com Botton (2011) os limites impostos por estas “são expressivamente rígidos e severos, e as representações sobre feminino e masculino, sempre dicotômicas, apontando para uma oposição entre esses dois conceitos.” Assim, nessas relações polarizadas insurge o caráter discriminatório e

excludente que favorece um polo em detrimento do outro instituindo-se as relações de poder.

Assim como em “Anton e as meninas” ocorre um fato que encaminha para a possibilidade de desconstrução dos estereótipos sociais de masculinidade e feminilidade, neste caso o evento é a probabilidade da existência de um fantasma. Tal evento faz inferência ao surgimento do medo por parte dos meninos.

Seguem trechos do livro Meninos de verdade, com destaques das autoras da pesquisa:

Meninas são tão sem graça!
Passam o dia penteando bonecas!
Põem e tiram as roupas delas põem e tiram...
Põem e tiram...põem e tiram...põem e põem...
Tiram...põem...tiram...põem. - [TÉDIO]
Meninas dormem com bichinhos de pelúcia. Senão entram em pânico!
Elas são megamedrosas! - [MEDO]
No escuro fazem xixi na calça.
Não, na camisola! - [MODOS DE VESTIR]
E também morrem de medo de fantasmas! - [MEDO]
F- F- Fantasmas?
Eles existem?!
É claro que não.
Bem, eu tenho que fazer pipi...
Hummm eu também.

(OLTEN, 2013)

Nesta obra, a menina tem um papel “figurativo” no sentido de que enquanto os meninos agitam e deboçam ela dorme em seu quarto tranquilamente. E é no quarto da menina que os meninos buscam proteção, deitados ao seu lado e abraçados a vários ursinhos de pelúcia. Aqui, há a sugestão para distanciamento de um ideário de feminilidade, justamente pelo fato da menina permanecer dormindo o que sugere a ausência de preocupação com a possível existência de um fantasma, conseqüentemente a ausência de medo o que contrapõe a seguinte passagem do livro: “Meninas dormem com bichinhos de pelúcia. Senão entram em pânico! Elas são megamedrosas!”

Apesar de, na contracapa, constar os seguintes dizeres: “Meninos de verdade, como a gente, não têm medo de nada! Afinal de contas não somos meninas...” a expressão observada nos meninos sugere o sentimento/comportamento medo.

Ser menina – Angela Leite de Souza

O livro *Ser menina* foi publicado em 1998 pela editora Ediouro contém dezesseis páginas e foi escrito pela mineira Ângela Leite de Souza, jornalista, escritora, ilustradora, mestre em literatura, filiada a AEILIJ (Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil), a Abipro (Associação Brasileira de Ilustradores Profissionais) e a FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

Abordando a temática das relações de gênero e voltado especificamente ao público infantil apresenta aos pequenos leitores um texto em forma de poesia sobre outras maneiras de ser, ou se portar como uma “menina” em na sociedade. O projeto gráfico e as ilustrações do livro são de Luiza Pessoa, que apresenta páginas com ilustrações muito divertidas que vão apresentando as situações vividas pela personagem principal.

De forma bem sutil as ilustrações trazem símbolos e representações que remetem o leitor a visualizar uma série de objetos atribuídos socialmente ao universo feminino e masculino todos misturados. O livro indica a preconceitos e estereótipos presentes em nossa sociedade e que são vivenciados pelas crianças seja dentro do espaço escolar, seja em casa.

O texto possibilita a realização de inúmeras formas de leitura sobre como se dá socialmente o processo de construção dos sujeitos como masculinos e femininos, permitindo aos leitores questionar padrões culturais. A autora inicia o texto introduzindo a palavra “engraçada” que caracteriza a personagem de Ciça. No decorrer das páginas o leitor perpassa por experiências vividas por Ciça. “Também pudera, tão pequenina e já é fera no skate, no bafo, no gol, lambada e rock’n’roll. Mas tudo tem sua hora... e essa menina da breca, vira uma senhora que faz doce de geleca e sorvete de glostora para o lanche da boneca”.

A personagem de Ciça é uma menina cuja maneira de agir foge dos padrões sociais convencionais acerca dos papéis distribuídos ao homem e a mulher. Ciça é uma menina que segundo Souza (1998, p.3) “anda descalça, pula carniça, tudo esmiúça, faz tanta bagunça! Será que tem preguiça de parecer moça?”.

Ao se comportar com atitudes típicas de um menino, a personagem de Ciça desconstrói estereótipos trazendo à tona significações de masculinidades e feminilidades atribuídas aos sujeitos sociais. Uma personagem bastante ambígua Ciça, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma menina sapeca com atitudes muito parecida com a dos meninos ela é

especialista em bordado, em tanque, em vassoura e cozinha, brincando de casinha.

A história de Ciça termina quando a autora interroga seus leitores se meninos e meninas são iguais, gerando assim a possibilidade de se fazer questionamentos dos padrões culturais acerca dos papéis distribuídos ao homem e à mulher. “Moleca ou bailarina, tamanho pingo de gente, descobriu que, de repente, há jeitos de ser menina ou menino, simplesmente”.

Para os atributos da categoria masculinidade presente no livro “Ser menina” os comportamentais foram: agitação e molecagem e o cultural foi brinquedo. Já para as feminilidades foram elencados atributos apenas culturais a saber: tarefas modos de brincar e vestir.

Assim ao categorizar a obra “Ser Menina” observou-se que enquanto para as masculinidades foram encontrados dois possíveis atributos comportamentais, agitação e molecagem e um atributo cultural, brinquedo, para as feminilidades foram encontrados apenas atributos culturais, sendo brinquedos, tarefas e vestuário. Tal fato sugere a desconstrução de estereótipos sociais de feminilidade, amparada na afirmação de Pires (2009 p.168) de que comumente é associada a imagens femininas uma idéia (sic) leve, suave, meiga, comportada, como o tipo ideal de feminilidade [...].

Neste sentido, é possível observar o livre transitar de Ciça entre feminilidades e masculinidades. Este transitar, além de expresso em suas atitudes e comportamentos é pontuado por frases da autora como: “Engraçada, a Ciça.” “Que delícia a Ciça!” “A Ciça é impossível.”

Na frase “Mas tudo tem sua hora...” chama a atenção da autora revelar que Ciça sabe adequar a transitoriedade dos jeitos de ser menina, por ela encontrados.

Destacando a última estrofe do poema em questão:

Moleca ou bailarina
Tamanho pingo de gente
Desde pequenina
Descobriu que, de repente, há jeitos de ser menina
Ou menino, simplesmente. (SOUZA, 1998)

A análise da obra “Ser menina”, descortina várias desconstruções dos jeitos de ser menina e converge para a desnaturalização de comportamentos pré-determinados. Isso, coincide com o argumento de Louro (2001) que se inscreve no sentido de que pensar o gênero e reconhece-lo com construção social e que isso dado, ele não diferenciará somente homem/mulher, mas também, homem/homem e mulher/mulher.

Seguem trechos do livro Ser menina, com destaques das autoras da pesquisa.

Engraçada, a Ciça:
Anda descalça,
Pula carniça
Tudo esmiúça
Faz tanta bagunça! - **[AGITAÇÃO]**
Será que tem preguiça de parecer moca? - **[QUIETUDE]**

Também pudera:
Tão pequenina:
e já é fera, no skate, no bafo no gol - **[MODOS DE BRINCAR]**
Lambada e rock'n'roll.

Mas tudo tem sua hora...
... e essa menina da breca
Vira uma senhora
Que faz doce de geleca
E sorvete de glostora
Para o lanche da boneca.
Depois prova e joga fora. - **[MODOS DE BRINCAR]**

Que delícia a Ciça!
Fala depressa
Pois na cabeça
Tem mil conversas...
As vezes pirraça
volta a ser criança. - **[AGITAÇÃO]**
Qual delas é Ciça?

Bebê mimado
Ou a especialista em bordado,
Em tanque vassoura e cozinha,
Brincando de casinha? - **[MODOS DE BRINCAR]**

A Ciça é impossível.

Xereta a gaveta do Beto:
Isto é um fusível?
Abre o diário secreto
e encontra algo terrível
escrito em outro alfabeto
com uma tinta invisível.

Vai graxa, senhor?
Ciça, pergunta
Ao próprio avô.
Então, besunta de estranha cor seus chinelos e assunta:
Valeu, doutor? - **[MOLECAGEM]**

Porém, que espanto,
quando essa menina,
por encanto,
põe blush collant e gel
para dançar, Ravel. - **[MODOS DE VESTIR]**

Moleca ou bailarina
Tamanho pingo de gente
Desde pequenina
Descobriu que, de repente, há jeitos de ser menina
Ou menino, simplesmente. **[DESNATURALIZAÇÃO]**

Considerando as obras investigadas e traçando um paralelo entre elas, é possível notar através de suas análises que, os livros “Anton e as meninas” e “Meninos de Verdade” apresentaram alguma possibilidade de (des) construção dos estereótipos de gênero, e que embora estas possibilidades se caracterizem, elas não se assemelham pois no livro “Anton e as meninas” acontece o distanciamento de lugares de masculinidades por Anton, mas em contrapartida existe a aproximação dos lugares de feminilidade pelas meninas. Já no livro “Meninos de Verdade” os agentes desta transitoriedade são os meninos, enquanto a menina permanece dormindo.

Ademais a obra “Ser Menina” diferencia-se e destaca-se entre as obras supracitadas por apresentar possibilidades de desconstrução, aliadas à desnaturalização propriamente dita destes locais de masculinidades e feminilidades construídos cultural e socialmente, como resultado as probabilidade da desconstrução das diferenças de gênero ficam mais notórias.

Assim, as “transgressões” de Ciça encontram amparo em Finco(2005) que elucida a necessidade de “compreender a positividade das transgressões, [...] percebendo como meninos e meninas resistem aos padrões pré-estabelecidos, [...] recriando e inventado novas formas de ser.” Souza(1998) ao valer-se de questionamentos que problematizam as representações de masculinidades e feminilidades, sugere possibilidades de desnaturalização, de binarismos, dicotomias e preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos empreendidos na pesquisa em tela, foi possível observar como os livros de literatura infantil investigados possibilitam a (des)construção de estereótipos de masculinidades de feminilidades. Entre as obras analisadas, verificou-se que duas delas sugerem possibilidades de (des)construção de masculinidades/feminilidades de forma tímida e que, na

terceira, a desconstrução acontece de forma mais explícita, principalmente no tocante à desnaturalização dos estereótipos de gênero. Assim, o estudo se mostrou assertivo em relação aos objetivos propostos e ao pressuposto de que a literatura infantil pode contribuir para a desconstrução das diferenças de gênero na educação infantil através da releitura das masculinidades e feminilidades foi confirmado.

Notou-se uma naturalização velada e sutil, imbricada nos comportamentos sociais e revelada na obra “Anton e as meninas” que mesmo ao propor igualdade entre meninos e meninas resvala nas convenções comportamentais estabelecidas para meninos e meninas. Naturalização que apresenta sinais de desconstrução na obra “Meninos de Verdade” quando analisados os discursos imagéticos e o discurso textual da obra e que só vem acontecer de forma propriamente dita na obra “Ser menina” com o livre transitar da protagonista pelos papéis sociais do que é ser menina ou menino.

Assim, da mesma forma que a família e a escola são as primeiras instâncias de convívio social de um sujeito, estas também se estabelecem como principais obstáculos para tratativa das destas questões.

A escola, como local formal de ensino e convívio social deve atuar no enfrentamento destas naturalizações e na direção de combater o silêncio a Literatura Infantil se constitui como um importante instrumental no sentido de educar para a diferença no sentido propor problematizações mediante as diferenças de gênero, etnia e de credo religioso, entre outros elementos constitutivos de identidades dos sujeitos sociais.

Assim, recomenda-se que essa temática seja trabalhada cotidianamente e de modo intencional, além da leitura deleite, pois cabe aos(as) professores(as), como mediadores de conhecimentos, a escolha de livros que fomentem as reflexões e a criticidade de seus discentes no tocante as relações de gênero com o objetivo de desconstruir estereótipos de masculinidades e feminilidades que geram desigualdades. Tais aspectos implicam, também, na necessidade potencializar os temas aqui destacados nas formações docentes iniciais e continuada, no sentido de motivar proposições críticas, questionadoras e, sobretudo, transformadoras.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosura e Bobices**. Edit. Scipione 2º Ed. São Paulo 1991.

ARGÜELLO, Zandra. Elisa. A. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil.** Porto Alegre/RS, 2005. 193p. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6961/000537801.pdf>>. Acesso em: 31 out. de 2018.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa Edições, 70, 1977. Título original: L'Analyse de Conremt © Presses Univcrsitaires de France. 1977 Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro Capa de Edições 70 Todos os direitos reservados para língua portuguesa por Edições 70, Lda. Depósito legal 11° 93118/95 ISBN: 972-44-0898-1

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, F. S., & dos Santos, A. M. **Representações de gênero e literatura infantil: paradidáticos em análise.** Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 263-277, jul.-dez. 2016.

FINCO, Daniela. **Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões.** 28º Reunião Anual da ANPED, Caxambu/MG, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo/SP: Atlas, 5.ed., 2010. 184p.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo/SP: Atlas, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis/ RJ: Vozes, 6.ed., 1997. 179p.

_____. Guacira Lopes. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

_____. Guacira, Lopes. **O corpo Educado – pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 2ed. 174p.

OLE. Könnecke. Trad Mônica Stahel. **Anton e as meninas.** São Paulo: WMF Martins Fontes: 2013.

OLTEN, Manuela Trad. Hedi Gnädinger. **Meninos de Verdade**. São Paulo: Saber e Ler, 2014.

PIRES, S. M. F. **Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...: o amor romântico na literatura infantil**. 2009. 176 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.-dez. 1995.

SOUZA, Ângela Leite de. **Ser menina**. Editora Ediouro. 1998. 16p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo/SP: Atlas, 1987. p.116-170.

XAVIER FILHA, Constantina. **Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 591-603, Aug. 2011.